

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral Propriedade
da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DELISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 40

2022

Nº. 243

MAIO - JUNHO

Não aderimos ao novo acordo ortográfico

Proriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão	Índice	Página
Rua das Pedralvas, nº. 1-A 1500-487 Lisboa Telefone : 217 647 441 *	Editorial	2
	Recordando Allan Kardec	7
	Júbilos do Céu	17
	À Mãe Santíssima	20
	A nova era do Espírito	21
Director Responsável Manuela Vasconcelos *	O dia da Mãe...	27

Tiragem: 150 exemplares

*

Distribuição Gratuita

EDITORIAL

O mês de Maio, de há uns anos para cá, é sempre dedicado a Maria, Maria como Mãe da Humanidade! E começou a sê-lo desde que transferiram a comemoração do dia da Mãe, de 8 de Dezembro para Maio – primeiro para o terceiro domingo, depois para o segundo, acabando por ficar fixado no primeiro domingo do mês; talvez porque em Maio a Senhora apareceu pela primeira vez aos pastorinhos da Cova da Iria, comemorando-se essa aparição desde o ano de 1917. Pensamos que a fé dos portugueses por Maria tem trazido para o nosso País a protecção espiritual que lhe sentimos.

Somos daqueles que pensamos que o dia da Mãe é todos os dias, mas a nossa irreverência não desrespeita a comemoração que anualmente se faz à Mãe de todas as Mães – talvez pelo Amor que nós outros dedicamos também a Maria.

Recuando no tempo, lembramos aquela vez em que (talvez do fundo de um poço) também nós recorremos a Maria, pedindo-Lhe o auxílio que não tardou – não porque se visse, mas pela maneira diferente como tudo começou a correr... e, ainda hoje, depois daquela outra data, Maria tem um lugar diferente no nosso coração!

Entanto, o que mais toca o nosso coração é a doação que Jesus nos fez a todos nós, da doação de sua Mãe como Mãe de toda a Humanidade. E essa doação sentimo-la como se fosse directamente para nós, quando tomámos conhecimento daquele gesto.

Então, o dia da Mãe está aí, para ser ou não comemorado por todos nós, mas mesmo aqueles órfãos de mãe, que a viram partir há mais ou menos tempo, recordam a mãe que tiveram e lhe prestam a sua singela homenagem, seja com uma prece ou uma flor, ainda que colocada numa jarra, próximo de sua foto, num cantinho de um móvel na casa onde habitam.

E a palavra MÃE – a mais pequenina de todas as palavras, mas a de maior símbolo pelo que representa – está presente onde haja um filho que recorde ou ame a mãe que o Senhor lhe concedeu... aquele Senhor que deu à Mulher o papel maior da Humanidade!

*

Tomámos conhecimento, há uns meses atrás, de uma descoberta de um “cérebro inteligente actual”, que declarou na internet (face-book) que a palavra ‘mãe’ não tinha razão de ser e deveria ser substituída pela palavra ‘lactante’. Assim mesmo, nem mais nem menos! Como

se mãe fosse apenas isso! Entretanto, Francisco Moita Flores, escritor português que se revelou, penso, só depois de se ter reformado do seu cargo na função pública, e escreve, não só romances como novelas, artigos para jornais e revistas, e outras coisas mais que nós talvez nem saibamos enumerar, leu a ideia brilhante que referimos atrás, e respondeu... E pedimos vénia para a transcrição que vamos fazer da sua resposta.

“MÃE, SEMPRE!

“Já não tenho idade, nem paciência para lutar por muitas causas. Aos poucos, fui arrumando as bandeiras de outros tempos, por desilusão, por cansaço, e, confesso, pelo comodismo que a idade reclama depois de uma vida intensamente vivida.

“Porém, há combates que me acompanharão até à morte. Se desistir deles, desisto da minha existência. Contra a ignorância, contra a futilidade, contra o exibicionismo da mediocridade, contra a indigência cultural, contra a violência doméstica, contra qualquer forma de exclusão e sempre na defesa pelos direitos que a Constituição atribuiu a todos nós, sem excepção.

“Vem este preâmbulo para dizer que olho com tolerância, mas também com muita desconfiança, para as exigências de linguagem inclusiva. Algumas vezes, concordo. De outras vezes, acho que são preciosismos patetas que não atrasam nem adiantam. Porém, existem ‘estudos’ (como estou cansado de ‘estudos’ de patetas!)

que, agora, parecem defender que se deve substituir a palavra MÃE por ‘Pessoa Lactante’.

“As palavras têm significações externas e internas que incluem a emoção, a carga simbólica que remete para universos intocáveis pelo atrevimento radicalismo linguístico. MÃE é uma dessas palavras.

“As nossas mães não são as nossas MÃES porque foram ‘pessoas lactantes’. Muitas delas nem sequer puderam dar de mamar aos seus filhos. MÃE é uma expressão sublime de amor, seja quando amamentaram e quando o deixaram de fazer. MÃE É UM COLO! Existem mães que renegam os filhos. Mas são coisas raras. Terão sido ‘pessoas lactantes’ mas, apesar disso, são mães.

“A alarvidade, em nome da inclusão e da igualdade, é tão descomunal que só dá aso à indignação. Este ‘estudo’, mesmo sem o ter lido, não tem nada de científico. É pura e simplesmente amoral. É um dos sinais da Besta que nos seduz para a massificação, expurgada de afectos e de memórias.

“Nem a mulher que pariu o autor ou os autores desta boçalidade vestida de progressismo é, ou são, apenas ‘pessoas lactantes’. Nem as vacas, nem os elefantes, nem qualquer outro animal que possui instinto maternal para além da amamentação.

“Embora seja um descrente quanto às virtudes das pessoas pobres e facilmente subjugáveis elites, espero que esta traição à MÃE não faça caminho. É um nojo que

ultrapassa em muito os nojos a que regularmente somos sujeitos em nome da novidade. Aqui, nesta página, em todas as páginas da minha vida, passadas, presentes e futuras, jamais existirá este absurdo insultuoso. Será sempre a MÃE! As nossas MÃES! As nossas queridas MÃES, quer estejam vivas quer já só vivam na nossa memória. – F: Moita Flores.”

Pensamos que todos sentimos da mesma maneira...e embora não seja norma nossa aproveitarmos o “Editorial” da nossa Revista para transcrições, esta impunha-se, aqui mesmo, onde também nós escrevíamos sobre a MÃE.

E que todos possam ter um dia feliz com a vossa MÃE, seja em presença, seja apenas na recordação de um bem que um dia tiveram mas que continua a viver no vosso coração e na vossa saúde.

Feliz dia da Mãe!

A DIRECÇÃO

*

Com três letrinhas apenas
Se escreve a palavra MÃE,
É das palavras pequenas
A maior que o mundo tem!

RECORDANDO ALLAN KARDEC

Os desertores

Se todas as grandes ideias têm tido apóstolos dedicados, as melhores têm tido desertores. Não podia, pois, o Espiritismo escapar às consequências da fraqueza humana. Ele tem os seus, e, a tal respeito, convém fazer algumas observações. No princípio muitos se enganavam com a natureza e fim do Espiritismo, cujo alcance não perceberam. O que mais imperou foi a curiosidade; as manifestações valiam por distrações; brincava-se com os Espíritos enquanto eles se prestavam a isto e era tudo um passatempo.

Este modo de manifestação, no seu início, era uma bela tática dos Espíritos. Sob a forma de divertimento, a ideia caminhou e lançou raízes sem assustar as consciências timoratas. Brincou-se com a criança; mas a criança devia crescer. Quando aos Espíritos brincalhões sucederam os sérios e moralizadores, quando o Espiritismo assumiu o carácter de filosofia e de ciência, os fúteis não lhe acharam mais nenhuma graça. Para os que vivem a vida material, foi ele censor importuno, desmancha-prazeres. Não fizeram falta estes desertores, porque os homens frívolos nunca são bons auxiliares.

Entretanto, não foi perdida aquela primeira fase.

Com o favor do disfarce, a ideia popularizou-se cem vezes mais do que se tivesse, desde o princípio, revestido uma forma severa. Dos próprios levianos e irreflectidos saíram pensadores sérios. Os fenómenos espíritas, considerados da moda pelo atractivo da curiosidade, servindo de engodo, provocaram a atenção geral dos que tinham a esperança de aí descobrir novidades. As manifestações pareceram matéria maravilhosamente explorável, e houve muito quem pensasse em fazer delas uma indústria; assim como quem aí descobrisse uma variante à adivinhação, um meio por ventura mais seguro que a cartomancia e quiromância, etc., etc., para conhecer o futuro e descobrir coisas ocultas, pois julgavam naquele tempo que os Espíritos sabiam tudo. Desde, porém, que estes tais reconheceram que a especulação falhava e que o Espíritos não os ajudavam a fazer fortuna, a darem-lhes os números sorteados da lotaria, a dizerem a *buena-dicha*, a fazerem-lhes descobrir tesouros ou colher heranças, a ensinarem-lhes alguma invenção vantajosa, que lhes suprisse a ignorância e os dispensasse do trabalho intelectual e material, condenaram, os Espíritos por imprestáveis e taxaram de ilusão as suas manifestações.

Tanto quanto exaltaram o Espiritismo enquanto tiveram esperança de colher-lhe algum proveito, rebaixaram-no desde que se desenganaram. Mais de um, dentre os que o ridicularizaram, levá-lo-ia às nuvens se lhe tivesse descoberto um tio rico na América, ou feito ganhar na Bolsa.

Esta é a falange mais numerosa dos desertores; quem poderá, conscienciosamente, qualificá-los de espíritas? Esta fase também tem a sua utilidade, por mostrar o que não é lícito esperar dos Espíritos e fazer conhecer o fim altamente sério do Espiritismo.

Ela depurou a Doutrina. Os Espíritos sabem que as lições da experiência são as mais proveitosas. Se desde o princípio eles tivessem dito: não pedi isto ou aquilo, que não obtereis, talvez não fossem acreditados. Foi por isso que deixaram correr as coisas, para que a verdade saísse da observação. As decepções desanimaram os exploradores e contribuíram para lhes diminuir o número. Foram parasitas que elas tiraram do Espiritismo; não foram adeptos sinceros.

Certos indivíduos mais perspicazes, lobrigaram o homem na criança que acabava de nascer e tiveram-lhe medo, como Herodes o teve ao menino Jesus.

Não ousando atacá-lo de frente, suscitaram quem o sufocasse com abraços, quem lhe tomasse a máscara, a fim de introduzir-se por toda a parte, soprar astuciosamente a discórdia nos centros, espalhar sorratamente o veneno da calúnia, lançar o pomo da discórdia, arrastar a excessos comprometedores, impelir a doutrina por sendas ridículas e odiosas e simular, depois, as defecções.

Ainda há outros mais hábeis: pregam a união, e semeiam a divisão, atiram destramente à arena questões irritantes e ofensivas, excitam os zelos de preponderância entre os diferentes centros. Seriam felizes se vissem levantar-se uns contra os outros, por questões de forma ou de substância, por eles suscitadas.

Todas as doutrinas têm tido o seu Judas, e o Espiritismo não havia de ser a exceção. São espíritas de contrabando que, entretanto, trazem alguma utilidade, porque ensinam ao verdadeiro espírita a prudência, a circunspecção e a não se fiar em aparências.

Em tese, é preciso desconfiar de entusiasmos muito ferventes, que são quase sempre fogos de palha, simulacros, calor do momento, que suprem as obras por palavras. A verdadeira convicção é calma, reflectida, moderada, como a verdadeira coragem; revela-se por

obras, isto é, na firmeza, perseverança e, sobretudo, na abnegação.

O desinteresse moral e material é a legítima pedra de toque da sinceridade. A sinceridade tem um cunho especialíssimo: reflete-se por modalidades mais fáceis de compreender do que definir.

Sentimo-la por efeito de transmissão do pensamento, cuja lei o Espiritismo veio revelar-nos e cuja simulação é impossível, porque não se pode mudar a natureza das correntes fluídicas por elas projectadas. Erra grosseiramente quem acredita poder substituí-las pela baixa e servil lisonja, que não seduz senão as almas orgulhosas. É por esta mesma lisonja que as almas elevadas reconhecem a sua ausência.

Não há como substituir o calor pelo gelo.

Se passarmos à categoria dos espíritas propriamente ditos, ainda aí nós nos acharemos a braços com certas fraquezas humanas, das quais sem sempre a doutrina triunfa imediatamente. As mais difíceis de vencer são o egoísmo e o orgulho, as duas paixões originais do homem. Entre os adeptos convencidos, não há verdadeiramente deserções, porque aquele que desertasse por um motivo de interesse ou outro qualquer,

não teria sido verdadeiramente espírita. Pode, porém, haver defecções.

A coragem e perseverança podem desfalecer diante de uma decepção, de uma ambição iludida, de uma preeminência não alcançada, do amor-próprio ofendido – de uma prova difícil. Recuam diante do sacrifício da comodidade, temem comprometer os interesses materiais, receiam do que possam outros dizer, ficam desnorteados com uma mistificação. Não se deserta, mas esfria-se. Vivem para si, e não para os outros, querem o benefício da crença, mas não lhes custando nada. Os que assim procedem são crentes; mas são crentes egoístas, a quem a fé não comunicou o fogo sagrado do devotamento e da abnegação. A sua alma custa a desapegar-se da matéria. Fazem número; mas não podemos contar com eles.

Os demais são espíritas dignos da denominação; aceitam todas as consequências da doutrina e caracterizam-se pelos esforços que fazem para melhorar:

Sem desprezarem, além do que é razoável, os interesses materiais, consideram-nos o acessório e não o essencial; a vida terrestre é para eles uma travessia mais ou menos penosa; do seu emprego útil ou inútil depende o seu futuro; as alegrias que dá são mesquinhas, comparadas às que lobrigam adiante; não recuam diante dos obstáculos que encontram no caminho; as

vicissitudes, as decepções, são provas que os não desanimam, porque o repouso é o prémio do trabalho. É por isso que não vemos, no meio destes, nem deserções, nem defecções.

Também os bons espíritos protegem, visivelmente, os que lutam com perseverança e coragem, com devotamento sincero e sem pensamento reservado. Eles os ajudam a triunfar dos obstáculos e atenuam as provas, que não lhes podem evitar; ao passo que abandonam não menos visivelmente, os que sacrificam a causa da verdade à ambição pessoal.

Devemos incluir entre os desertores do Espiritismo os que se retiram por não concordarem com o nosso método muito lento ou muito rápido; pretendem alcançar mais cedo e em melhores condições o fim a que nos propomos?

Não, certamente, se os guia o desejo sincero de propagar a verdade. Sim, se os seus esforços tenderem somente a pô-los em evidência, a captarem a atenção pública para satisfazerem o seu amor-próprio e interesse pessoal. Tendes uma opinião que não é a nossa. Não simpatizais com os nossos princípios. Nada prova que a verdade esteja convosco e não connosco.

Podeis divergir em ciência, mas fazei as vossas pesquisas, e nós faremos as nossas; o futuro mostrará quem teve razão.

Não temos a pretensão de ser os únicos capazes de fazer estudos sérios e úteis, e o que temos feito, outros poderão igualmente fazê-lo.

Os homens inteligentes reúnem-se connosco ou fóra de nós, que importa? Multipliquem-se os centros de estudo, tanto melhor, porque será isso sinal evidente do progresso, que aplaudiremos com todas as veras.

Quanto às rivalidades e tentativas para suplantarmos, temos razão poderosa para as não temer. Trabalhamos por compreender, por engrandecer a inteligência e o coração; lutamos com os outros, mas a nossa luta é a da caridade e a da abnegação.

Seja a nossa divisa o amor do próximo, inscrita em nossa bandeira, e a pesquisa da verdade, venha donde vier, seja o nosso fim! Com tais sentimentos, desafiamos a crítica dos nossos adversários e as tentativas dos competidores.

Quando nos enganamos, não temos obstinado amor-próprio de sustentar o que verificamos ser falso; mas há princípios sobre os quais não pode haver enganos:

o amor do bem, a abnegação, a renúncia aos sentimentos da inveja e do ciúme.

Estes princípios são os nossos, porque neles vemos o laço que deve unir todos os homens de bem, qualquer que seja a divergência das suas opiniões. Só o egoísmo e a má-fé levantam entre eles barreiras insuperáveis. Qual será, porém, a consequência deste estado de coisas?

Com certeza que os manejos dos falsos irmãos podem momentaneamente produzir passageiras perturbações, e, por isso mesmo, há necessidade de frustrá-las, conquanto não possam ser prejudiciais para o futuro, não só porque são manobras da oposição, que caem por sua natureza, como porque, digam e façam o que quiserem, nunca conseguirão tirar à doutrina o seu carácter distinto: a filosofia racional e lógica, a moral consoladora e regeneradora.

As bases do Espiritismo já são hoje inabaláveis; os livros escritos com clareza e postos ao alcance de todas as inteligências serão sempre a exacta expressão do ensino dos Espíritos, que o transmitirão intacto às futuras gerações.

Convém não esquecer que nos achamos em um momento de transição, e nenhuma transição se efectua

sem conflito. Não é, pois, de admirar que se agitem certas paixões, quais as ambições contrariadas, os interesses feridos, as pretensões malogradas. Pouco a pouco, porém, tudo isto cessará, a febre acalmar-se-á, os homens passarão e as novas ideias ficarão.

Espíritas, se quiserdes ser invencíveis, sede benevolentes e caritativos. O bem é um escudo contra o qual se quebram as armas da maldade! Não tenham receio: o futuro é nosso, deixemos os adversários baterem-se ofuscados pela verdade. Toda a oposição é impotente contra a evidência, que triunfará inevitavelmente pela própria força das coisas. A generalização do Espiritismo é questão de tempo, e, neste século, o tempo voa ao impulso do progresso.

ALLAN KARDEC

(In: Revista 'O Espírita', da Federação Espírita Portuguesa, Abril a Julho de 1924).

*

Que pessoa sensata não se rirá de um homem que olha para as imagens e lhes dirige orações, ou, contemplando-as, se dirige ao Ser contemplado em sua mente? – ORÍGENES

*

JÚBILOS NO CÉU

Buscar e localizar a “*porta estreita*”, tal a meta

Digo-vos que assim haverá alegria no Céu por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento. – JESUS. (Lcs., 15:7).

Existe um ponto luminoso na vida de todo Espírito que bem poderia ser chamado de “*Caminho de Damasco*”. Tal como ocorreu com o Apóstolo dos Gentios, cada um de nós, também – um dia – será protagonista de algo semelhante: o momento que assinalará a mudança de paradigmas entre o velho e o novo homem.

Infelizmente, a julgar pelos superlativos equívocos da actualidade humana, a pedagogia da dor deverá ser o recurso que o Mais Alto utilizará para que sejamos guindados ao nosso “*Caminho*”.

A “*Parábola do Filho Pródigo*”, que faz conexão com as “*Parábolas da Ovelha Perdida*” e a “*Parábola da Dracma Perdida*”, realça de forma bastante explícita esse processo de “*correção de roteiro*”: é o grave e singular momento da conversão...

Há que assinalar a diferença entre *convertidos* e *conversos*. Muitos são convertidos mas não são conversos. Tal ocorrência não pode ser apenas de superfície (convertidos), mas o facto deve operar-se nas suas mais íntimas anfractuosidades d’Alma, sem possibilidades de retrogradações aos níveis anteriores (conversos).

O Filho Pródigo, ao retornar à casa paterna, carregava um acervo de dolorosas experiências que passaram a lastrear a sua conversão, e que fechavam definitivamente a porta das ilusões que ambicionam os fantasiosos europeus, facultando ao mesmo tempo uma inquebrantável e monolítica valorização do “*Bem*” que possui: o aconchego protector da casa do pai.

Os Céus valorizam e se alegram pelo uso responsável e consciente do livre arbítrio e fazem registar nos Livros Divinos a matrícula do novo trabalhador das leiras do Cristo que realmente atinge a sua conversão.

Paulo de Tarso se converteu ante a mirífica e luminosa presença do Meigo Rabi que o convocava ao desempenho de novas e áduas pelepas... Francisco de Assis se converteu, abandonando a riqueza temporal para conquistar a riqueza espiritual, os tesouros dos Céus inalienáveis e imarcescíveis... Santo Agostinho abandonou sua juventude de dissipações e folguedos,

entregando-se ao ministério santificante... Maria de Magdala trocou as sedas, perfumes e riquezas pelos andrajos pestilenciais dos Filhos do Calvário, vestindo de hanseníase o corpo somático perecível e de luz o corpo espiritual imperecível, fazendo por merecer a presença do próprio Cristo na comitiva que a aguardava nos Portais do Infinito... Zaqueu, Dimas, e tantos outros conversos alteiam-se como espelhos onde os candidatos ao aprimoramento espiritual devemos nos mirar...

Por eles alegram-se os Céus... e por nós?!
Quando se ouvirão hosanas de júbilos nas plagas do Infinito?!

ROGÉRIO COELHO

(Manhuaçu – M. Gerais – Brasil).

*

O Espiritismo é libertação dos complexos de culpa, da incapacidade de perdoar até a nós mesmos. – HELOISA PIRES, no livro “Herculano Pires, o Homem no mundo”; capítulo sobre o aborto).

*

À MÃE SANTÍSSIMA

Fiandeira da paz entre os destinos,
Para Vós vos volvemos todos crentes,
Recitando, do amor, preces ardentes,
Entoando, em louvor, celestes hinos...

Esplendores do amor, áureos, divinos,
Que de Vós se irradiam, refulgentes,
Derramai-nos nas almas penitentes,
Nos desvãos dos constantes desatinos.

Abrandai o amargor dos sofredores...
Vosso olhar todo luz tem tais fulgores,
Que não se extingue em socorrer jamais!...

Acolhei, nesta prece que extravasa,
O eloquente penhor, que em fé se abraça,
Suplicando-Vos bençãos maternas.

BETTENCOURT SAMPAIO

(In: “Irthes & Irthes, de Júlio César Grandi Ribeiro, ed. ‘Edições Cordis - Casa Espírita Cristã, Vila Velha, ES-Brasil).

A NOVA ERA DO ESPÍRITO

Allan Kardec inicia ‘O Evangelho Segundo o Espiritismo’, comentando no Cap. I, o texto de Mateus (Cap. V: 17/18) referente à afirmativa de Jesus, de que “não veio para destruir a **lei** ou os profetas, mas cumpri-las”.

Fala-nos, então, da **revelação** de Moisés, de Jesus e da Espírita, salientando a Aliança da Ciência e da Religião, seguindo-se Instruções dos Espíritos sobre a **nova era**, assinadas, respectivamente, por Um Espírito israelita, Fénelon e Erasto, discípulo de Paulo.

De propósito, grifamos as palavras **lei** e **revelação** e a expressão **nova era**, para uma apreciação do seu significado espiritual, de inegável importância em nossos estudos doutrinários.

Lei é toda norma ou preceito escrito ou não, de cumprimento obrigatório e que disciplina as relações dos homens entre si e na vida da sociedade. Sua transgressão acarreta uma **penalidade**.

A **lei espiritual** também se pode definir como o preceito não escrito, que visa promover e disciplinar o progresso moral das criaturas de Deus, nos seus diversos

graus evolutivos, em virtude de suas múltiplas, íntimas e profundas relações como Espíritos, no transcorrer de séculos e milênios. Sua transgressão implica em **dores correctivas**.

Ambas disciplinam o exercício da vontade do Homem, dos seus direitos e deveres, nos dois campos da evolução humana, o corporal e o espiritual, havendo, porém, diferenças marcantes entre elas.

As leis humanas são falhas, reflectindo a condição dos seus autores e, embora obrigatórias, nem sempre são cumpridas; transitórias, desactualizam-se com o tempo e nem sempre são justas.

As leis morais são eternas, perenes, sábias e perfeitas; ninguém foge ao seu cumprimento, e, imparciais, distribuem a justiça divina equitativamente.

Jesus, quando se referiu à lei, fê-lo naturalmente à de Deus, indestrutível por natureza e, quanto à dos homens, procurou, sem dúvida, em todo o seu apostolado, mostrar os erros em que incidiam e a necessidade de sua reforma, com base nos princípios divinos do Amor e da Justiça.

A propósito da **Revelação**, palavra que significa, segundo os dicionários, «acção divina, que comunica aos

homens os desígnios de Deus e a verdade que estes envolvem», ou, ainda, «a doutrina religiosa revelada, por oposição àquela a que se chega por razão apenas», sabemos que ela representa fecundo manancial de conhecimentos, embora não reconhecida, ainda, pela Ciência.

Os experimentalistas só admitem o conhecimento **a posteriori**, isto é, proveniente das vivências do ser, fruto de suas percepções.

Kant nos fala do conhecimento **a priori**, anterior e independente da experiência, fruto da razão pura. Aqui, teríamos a **intuição**, que toda a criatura, culta ou inculta, tem da existência de Deus («O Livro dos Espíritos», Parte Primeira, Cap. I, nº. 6). Não se incluiria aqui o **conhecimento adquirido** em outras encarnações, pois não seria propriamente intuitivo.

A **Revelação** tem proporcionado às criaturas humanas preciosos e progressivos conhecimentos, através da Mediunidade, fonte viva da Doutrina, como se sabe, e meio permanente de contacto da Espiritualidade com os encarnados. Para se aquilatar do papel importante desse instrumento de comunicação, vamos transcrever as palavras de Paulo, em sua epístola aos Gálatas, 1-11/12, em que afirma:

“Faço-vos, porém, saber, irmão, que o Evangelho por mim anunciado não é, segundo o homem; porque eu não o recebi nem o aprendi de homem algum, mas mediante **revelação** de Jesus Cristo”. – O grifo é nosso.

Kardec se estende, então, na apreciação das revelações de Moisés, de Jesus e dos Espíritos, esta por ele mesmo Codificada, no século passado.

A pesquisa e a meditação nos levam a concluir pela necessidade dessas manifestações espirituais periódicas, que abalam velhas estruturas religiosas e contrabalançam o atraso do progresso moral das criaturas, em contraste com o avanço das ciências e da tecnologia, por impressionarem e dependerem mais dos sentidos físicos do Homem.

Em Moisés temos o profeta (médium) inspirado, o condutor de homens e o legislador, cuja **revelação** autoritária devia servir aos interesses do seu povo, embora devamos a ela o **monoteísmo** e o preparo do advento do **cristianismo**. Embora o próprio Moisés não tenha respeitado o **não matarás** do Decálogo, foram muitos os bons frutos que ele produziu no povo turbulento de Israel.

A **revelação** de Jesus, conselheira e paternal, dirigir-se-ia a toda a humanidade e corrigiu os erros da **lei**

mosaica. A autoridade de Jesus estava em sua elevação moral e na natureza divina de sua missão, que lhe permitiu resumir sabiamente em dois preceitos todas as leis naturais: Amar a Deus sobre todas as coisas. Amar ao próximo como a si mesmo.

Os homens aprendem devagar e rejeitam muitas vezes o que seria melhor para eles por algo que lhes toca mais de perto os sentidos físicos, daí o atraso moral em que se encontram, apesar de terem na grandiosa mensagem do Evangelho todos os ensinamentos necessários à sua integral reforma íntima. Por isso, os séculos se foram e os Espíritos se arrojaram à tarefa, até certo ponto ingrata, pelo descaso com que recebemos as advertências divinas, de nos propiciarem nova **revelação**, capaz de esclarecer todos os pontos nebulosos das anteriores como de conciliar a Ciência com Religião, a Fé com a Razão.

Surgiu, assim, o Espiritismo que, como sabiamente afirmou Léon Denis, «É a nova síntese do conhecimento humano», revelação científica e divina, «pois repousa sobre as próprias leis da natureza» (Fénelon).

Daí, a alegria e o entusiasmo dos Espíritos, saudando a **nova era**, que começa com o Espiritismo,

«uma ciência que lhes traz a chave da vida futura e lhes abre a porta da felicidade eterna» (Um Espírito Israelita).

A Humanidade já teve outras **novas eras**, cada uma delas apropriada ao seu entendimento, à sua compreensão, na época. Hoje, a Filosofia, a Ciência e a Técnica têm preparado o Homem para melhor penetração na **era do Espírito**, na qual se situará em sua verdadeira posição de obra-prima de Deus, para amá-Lo sobre todas as coisas, amando o próximo como a si mesmo.

PEDRO FRANCO BARBOSA

(In: Revista Portuguesa ESTUDOS PSIQUICOS, ora desaparecida, Abril de 1978).

*

Como síntese do processo do conhecimento, o Espiritismo é Religião. – J. HERCULANO PIRES, em ‘O Espírito e o Tempo’.

*

O DIA DA MÃE DE TODAS AS MÃES

Olho a neve que cobriu
Os fios de ouro do teu cabelo
E vejo como o Tempo abriu
O seu novelo
Para nos fazer viver...
Enquanto eu crescia e aprendia
O peso dos anos curvava-te sempre mais!
Os olhos lindos, onde o amor
Sempre encontrei,
Têm agora laivos de dor
Que o riso não disfarça.
E por mais que faça,
As rugas que fizeram caminhos
No teu rosto,
Não desaparecem com os carinhos
Que te dou... e gosto!
Mãe... Minha Mãe!
Quantos não têm uma Mãe para amar,
Acarinhar... com quem falar!
Sê sempre a Mãe de todas as criaturas
Que não a têm,
Porque a perderam ou foram rejeitadas,
E deixa que quando me sinta afagada
Partilhe esses gestos de amor
Com aqueles que o desamor
Deixou sós no mundo!

Beijo-te as mãos, neste dia,
Em que com infinita alegria
Eu te chamo MINHA MÃE!
Possa o Senhor satisfazer
O meu desejo de te ver
Quando a Terra, enfim, deixar...
... Porque tu sabes, onde estiveres,
- No teu jeito de me amar –
No carinho que me deres,
Sempre estará o meu lar!

MANUELA VASCONCELOS

Todos os dias são dias de Mãe, de Pai, de Avós... de tudo o que, ao longo dos anos – e não foram muitos – os “entendidos” resolveram comemorar. Todos os dias há um filho que procura um pai, uma mãe, para acarinhar, para saudar, para desabafar... ou, simplesmente, para lhe fazer um pouco de companhia. Não é possível que, neste dia, todos os filhos possam dizer. ‘MÃE, hoje é o teu dia...’ mas, onde quer que haja uma MÃE recordada por um filho, num ou noutra lado da Vida, elas sentirão as palavras de Amor que lhes são dirigidas e escutá-las-ão como se todos estivessem presentes num grande abraço de Amor, porque - MÃE, hoje também é o teu dia!

*

